

UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO GRANDE DO NORTE – UERN
CAMPUS AVANÇADO DE PATU – CAP
DEPARTAMENTO DE LETRAS – DL
CURSO DE LETRAS

**A DISCURSIVIZAÇÃO DA MULHER NA MÍDIA: UMA ANÁLISE DE ENUNCIADOS
DA PÁGINA “LUTA FEMINISTA”**

SUEILE MAGNÓLIA MAIA PEREIRA

PATU
2018

SUEILE MAGNÓLIA MAIA PEREIRA

**A DISCURSIVIZAÇÃO DA MULHER NA MÍDIA: UMA ANÁLISE DE ENUNCIADOS
DA PÁGINA “LUTA FEMINISTA”**

Monografia apresentada ao Departamento de Letras - DL, do *Campus* Avançado de Patu – CAP, da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN, como requisito obrigatório para a obtenção do título de licenciada em Letras, com habilitação em Língua Portuguesa e suas respectivas literaturas.

Orientadora: Prof^a Ma. Maria Leidiana Alves.

Patu
2018

© Todos os direitos estão reservados a Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. O conteúdo desta obra é de inteira responsabilidade do(a) autor(a), sendo o mesmo, passível de sanções administrativas ou penais, caso sejam infringidas as leis que regulamentam a Propriedade Intelectual, respectivamente, Patentes: Lei nº 9.279/1996 e Direitos Autorais: Lei nº 9.610/1998. A mesma poderá servir de base literária para novas pesquisas, desde que a obra e seu(a) respectivo(a) autor(a) sejam devidamente citados e mencionados os seus créditos bibliográficos.

Catálogo da Publicação na Fonte.

Universidade do Estado do Rio Grande do Norte.

M217d Maia Pereira, Sueile Magnólia
A Discursivização da Mulher na Mídia: Uma análise de enunciados da página "luta feminista". / Sueile Magnólia Maia Pereira. - Patu-RN, 2018.
42p.

Orientador(a): Profa. M^a. Maria Leidiana Alves.
Monografia (Graduação em Letras (Habilitação em Língua Portuguesa e suas respectivas Literaturas)).
Universidade do Estado do Rio Grande do Norte.

1. Identidade Feminina. 2. Mídia. 3. Igualdade de Gênero. 4. Interdiscurso e Memória Discursiva.. I. Alves, Maria Leidiana. II. Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. III. Título.

O serviço de Geração Automática de Ficha Catalográfica para Trabalhos de Conclusão de Curso (TCC's) foi desenvolvido pela Diretoria de Informatização (DINF), sob orientação dos bibliotecários do SIB-UERN, para ser adaptado às necessidades da comunidade acadêmica UERN.

SUEILE MAGNÓLIA MAIA PEREIRA

**A DISCURSIVIZAÇÃO DA MULHER NA MÍDIA: UMA ANÁLISE DE ENUNCIADOS
DA PÁGINA “LUTA FEMINISTA”**

Monografia apresentada ao Departamento de Letras - DL, do *Campus* Avançado de Patu – CAP, da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN, como requisito obrigatório para a obtenção do título de licenciada em Letras, com habilitação em Língua Portuguesa e suas respectivas literaturas.

Aprovada em 18 / 12 / 2018.

Banca Examinadora

Prof^a. Ma. Maria Leidiana Alves (Orientadora)
Universidade do Estado do Rio grande do Norte-UERN

Prof^a. Ma. Luciana Fernandes Nery (examinadora)
Universidade do Estado do Rio grande do Norte-UERN

Prof^a. Ma. Maria Jackeline Rocha Bessa (examinadora)
Universidade do Estado do Rio grande do Norte-UERN

Dedico este trabalho aos meus pais, em especial a minha mãe. A senhora foi minha base para chegar até aqui.

AGRADECIMENTOS

Agradeço em primeiro lugar ao meu Deus do impossível, pois sem ele eu nada seria. Um Deus poderoso que sempre está comigo em todos os momentos da minha vida me cobrindo de fé e esperança.

Aos meus pais, em especial a minha guerreira mãezinha, pois durante todo esse tempo acadêmico soube ser meu tudo principalmente nos momentos em que pensei que não fosse conseguir, ela esteve pronta me apoiando da melhor forma possível.

Aos meus filhos, Felícia e Miguel vocês são a razão na qual me fizeram nunca desistir. Pois muitas vezes vocês precisavam de mim e eu estava ausente, mas saibam que toda essa minha ausência foi necessária para poder realizar esse sonho.

Ao meu esposo que foi meu escudo, a pessoa que esteve sempre me ajudando e me apoiando em todo decorrer de minha caminhada. Pois sem você eu não teria chegado até aqui.

A minha prima Débora, por ter sempre me ajudado, jamais vou esquecer de todo seu apoio e ensinamento. Você é minha fonte de inspiração

Jamais poderia esquecer de agradecer minha cunhada Celminha , que desde o início me apoiava, muito obrigada por tudo.

Agradeço imensamente a minha orientadora, Maria Leidiana por todo seu carinho e ensinamento, suas orientações foram de grande importância para que esse trabalho se concretizasse.

A minha companheira de trabalhos, Lara Rocha a você sinto uma imensa gratidão, por tudo que fizeste durante toda nossa trajetória acadêmica.

Em fim, agradeço a todos que de alguma forma me ajudaram.

“Por mais longa que seja a caminhada, o mais importante é dar
o primeiro passo”
(Vinícius de Moraes)

LISTA DE POSTAGENS

Postagem 1: (Lutafeminista) Por que quando peço igualdade de direitos você entende que quero ser tratada como homem.....	29
Postagem 2: (Lutafeminista) Preciso muito do feminismo porque ainda perguntam o que a vítima usava	31
Postagem 3: (Lutafeminista) Buscar conhecimento também é empoderar-se	33
Postagem 4: (Lutafeminista) “ Você não é como as outras” não me elogie ofendendo outras mulheres.....	35
Postagem 5: (Lutafeminista) Não vou me calar, Não vou me curvar, Não vou me culpar, Não marcho sozinha.....	37
Postagem 6: (Lutafeminista) 8 de Março dia internacional da mulher	39

RESUMO

Considerando que atualmente é cada vez mais corrente a circulação de discursos sobre a luta das mulheres por igualdade de direitos, este trabalho tem como objetivo analisar aspectos da figura feminina em materialidades discursivas da página do *instagram* “luta feminista”, considerando a formação discursiva e interdiscurso retomados. Para tanto, selecionamos como *corpus* seis (6) postagens da página do *instagram* “luta feminista”, considerando a formação discursiva e interdiscurso retomados. Esta pesquisa é de cunho descritivo, pois descreve-se como os fatos acontecem; qualitativa, pois analisa-se as particularidades que perpassam o discurso; e documental, visto que opta por analisar imagens contidas em uma página do *instagram*. Para o desenvolvimento desse trabalho teve-se como base os trabalhos sobre identidade abordados por Bauman (1925) e Hall (2004); soobre às questões midiáticas, nos fundamentamos nos estudos de Vieira (2017) e Friedan (1973); além da formação discursiva, identitária, interdiscurso e memória do autor Foucault (1960), Orlandi (1988) e Gregolin (2003) e sobre gênero que nos baseamos nos estudos de Butler (2003), Ortner e Whetehead (1981), Foucault (1979), entre outros. Sobre o feminismo foi embasado em Tiburi (2018). Com o resultado dessa pesquisa, foi possível compreender que a discursivização sobre a mulher na mídia analisada, por meio das memórias discursivas e interdiscursos retomados, revela uma identidade da mulher que apesar do machismo e do preconceito sobre a mesma, vem conseguindo lutar por seus ideais e mostrar para ela mesma e para a sociedade que todas são capazes de ser o que quiserem, ou seja, a mulher vem se empoderando a cada dia e lutando para libertar-se de tudo que a faz ser prisioneira e ganhando mais independência, principalmente em lutar por questões de direitos e igualdade.

Palavras-chave: Identidade feminina, Mídia, Igualdade de gênero, interdiscurso e memória discursiva.

ABSTRACT

Considering that the circulation of discourses on the struggle of women for equal rights is increasingly current, this work aims to analyze aspects of the feminine figure in discursive materialities of the page of the instagram "feminist struggle", considering discursive and interdiscourse formation resumed. To do so, we constituted a corpus composed of six (6) posts from the page of the instagram "feminist struggle", considering the discursive formation and interdiscourse resumed. This research is descriptive, because it describes how the facts happen; qualitative, since the particularities that perpass the discourse are analyzed; and documentary, since it chooses to analyze images contained in an instagram page. For the development of this work was based on the work on identity addressed by Bauman (1925) and Hall (2004); mediatic issues, Vieira (2017) and Friedan (1973); (Ortner and Whetehead (1981), Foucault (1979)), among others, and in the literature on the subject of discursive, identity, interdiscourse and memory (Foucault, 1960), Orlandi (1988) and Gregolin others. About feminism was based on Tiburi (2018). With the result of this research, it was possible to understand that the discursivization about women in the analyzed media, through the discursive memories and interdiscourses taken up again, reveals an identity of the woman that despite the machismo and the prejudice about the same, has managed to fight for its ideals and to show to herself and to society that they are all capable of being what they want, that is, the woman has been empowering herself every day and struggling to free herself from everything that makes her prisoner and gaining more independence, especially in fight for rights and equality.

Key words: Feminine identity, Media, Gender equality, interdiscourse and discursive memory.

SUMÁRIO

CONSIDERAÇÕES INICIAIS.....	12
1. SOBRE A ANÁLISE DO DISCURSO	15
1.1 Breve historiografia da AD	15
1.1.1 FORMAÇÃO DISCURSIVA NOS ESTUDOS DA AD.....	17
1.1.2 ENTENDENDO UM POUCO SOBRE INTERDISCURSO E MEMÓRIA	19
1.2 MÍDIA E IDENTIDADE	20
1.3 UMA BREVE HISTORIOGRAFIA SOBRE GÊNERO.....	22
1.4 FEMINISMO: UM LUGAR DE LUTAS.....	25
1.4.1“LUTA FEMINISTA”: A IDENTIDADE FEMININA RETRATADA ATRAVÉS DE UMA PÁGINA DO <i>INSTAGRAM</i>	27
2. A IDENTIDADE DA MULHER NA MÍDIA: UMA LUTA POR IGUALDADE.....	28
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	41
REFERÊNCIAS.....	42

1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

A identidade da mulher vem sendo questionada em vários âmbitos. De fato, hoje em dia, muito se fala nas mídias sobre movimento feminista, com suas lutas e aconselhamentos, abrindo as portas para discussões sobre desvalorização, sexualidade, e igualdade de gênero etc. Diante disso, podemos ver discursos que podem contribuir para esse debate, que hoje avança a passos largos, sobre um novo paradigma, em que a mulher vem lutando por seus direitos de igualdade podendo ser o que quiser enquanto profissional e pessoa na sociedade.

Com isso, podemos ver o quanto os meios de comunicação têm o poder de persuadir e manipular as verdades dentro de um determinado espaço. É compreendendo esses discursos em que a mulher acaba sendo alvo de discursos violentos, que tomaremos como rumo à busca por desenvolver uma análise baseada na identidade construída através dessas materialidades.

Esta pesquisa tem como objetivo analisar discursos em que “a mulher luta por igualdade de gênero”. Considerando o objetivo dessa pesquisa, as materialidades discursivas que iremos analisar são retiradas da página do *Instagram* “Luta feminista”, que tem como finalidade fazer as mulheres se libertarem de tudo que as façam prisioneiras e lutarem por seus direitos, fazem crítica às diversas formas de expressão referentes aos papéis que, segundo convenções sociais, as mulheres não podem atuar na sociedade e ainda esta página apoia a igualdade de gênero.

Sendo assim, as postagens feitas/publicadas são uma forma de mostrar, criticar e manifestar a luta da mulher que está cada vez mais empoderada, independente, alcançando seus objetivos e realizando trabalhos que são motivo de preconceito na sociedade e acima de tudo, desempenhando muitos papéis na sociedade.

Como forma de delimitar o nosso estudo, optamos por analisar os enunciados que trazem simbologias da evolução feminina. E tem como objetivo Analisar aspectos da figura feminina em materialidades discursivas da página do *instagram* “luta feminista”, considerando a formação discursiva e interdiscurso retomados.

Para a realização deste trabalho, tomaremos por base a Análise do Discurso de linha francesa, tendo como objetivo principal analisar o processo de construção dos (efeitos de) sentidos dos discursos sobre a mulher na mídia, a partir do estudo dos aspectos femininos no texto midiático de “luta feminista”; refletindo acerca da

identidade da mulher na mídia, considerando os aspectos de evolução dessa categoria, analisando sua(s) identidade(s) refletida(s) na página “Luta feminista”.

Com base nisso, pretendemos refletir acerca de alguns questionamentos, decorrentes dos objetivos de nosso trabalho: Identificando como e que aspectos da figura feminina são explorados em materialidades discursivas da página do *instagram* “luta feminista”? Que interdiscursos e memórias discursivas relacionadas à identidade feminina são retomados em materialidades discursivas da página “luta feminista”? Como a identidade feminina é veiculada nesses discursos? A partir desses questionamentos que almejamos responder e conseguir a análise desta pesquisa.

Esta pesquisa é relevante porque mesmo com tantos trabalhos feitos sobre a identidade feminina, ainda existe muito a ser feito nessa área, a identidade da mulher hoje em dia vem sendo questionada em diversos aspectos, pois muitas mulheres têm lutado por ações como igualdade, respeito e liberdade de expressão, tudo isso é encontrado nas mídias digitais, já que estas estão sendo um veículo acessível entre grupos sociais, fazendo da mídia um dos maiores influenciadores sobre as pessoas.

Mas, é diante disto que vêm sendo geradas várias problemáticas sobre a figura feminina e suas lutas diárias, em que a figura da mulher, na maioria das vezes, é alvo de violência e agressões verbais. Nisso, as postagens são uma forma de mostrar como a mulher é vítima, mas como ela também se sobressai com base nisso.

A proposta desta pesquisa é analisar os discursos de mídias que envolvem mulheres que lutam para sua independência, respeito e igualdade de gênero. Assim, com base nessas discussões, iremos analisar postagens, fazendo, assim, uma construção desse semiótico que envolve a luta feminina nesses discursos.

Diante disso, vamos partir dessa perspectiva de que mesmo com todas as suas lutas ao longo do tempo por valorização e igualdade, ainda se tem visto muita discriminação e desrespeito com o ser feminino. O *corpus* desta pesquisa será selecionado de uma página do *instagram*, “Luta feminista” que tem enunciados e discursos midiáticos que envolvem mulheres na perspectiva de lutar por seus direitos de igualdade e ideologias.

Sobre os procedimentos metodológicos, iremos analisar postagens em que fica clara a luta feminina por respeito e igualdade de gênero, e esta pesquisa

caracteriza-se como descritiva, pois iremos descrever como os fatos acontecem; qualitativa, pois analisamos as particularidades; e bibliográfica, visto que optamos por analisar imagens contidas em uma página do *instagram*, e assim, fazemos uso do que Andrade (2009, p.14) reflete quando diz que “na pesquisa descritiva os fatos são observados, analisados, classificados e interpretados sem que o pesquisador interfira neles”.

As técnicas dessa pesquisa caracterizam-se como pesquisa documental, pois analisaremos registros de enunciados obtidos através de postagens de uma página do *Instagram*, coletando-os, organizando-os e analisando-os. Também se considera uma pesquisa bibliográfica que utilizamos como fonte jornais, revistas, entre outros métodos.

Nossa fundamentação teórica tem como base os trabalhos sobre identidade abordados por Bauman (1925) e Hall (2004). Sobre questões midiáticas, nos baseamos nos estudos de Vieira (2017) e Friedan (1973). Com embasamento para a formação discursiva, interdiscurso e memória discursiva abordados pelos estudos de Foucault (1960), Orlandi (1988) e Gregolin (2003). Sobre gênero nos baseamos nos estudos de Butler (2003), Ortnier e Whetehead (1981), Foucault (1979), entre outros. E para o estudo sobre o feminismo nos embasamos em Tiburi (2018).

O trabalho estará dividido na seguinte sequência: discutiremos sobre os estudos da AD de linha francesa, seguidos pelos estudos de Foucault e Pêcheux, Eni P. Orlandi. Nos apoiando-se na identidade feminina, acrescentando conhecimentos acerca da identidade da mulher diante da luta por direitos e abordando conceitos sobre, interdiscurso e memória como também abordaremos sobre mídia, identidade e estudo sobre gênero. Para finalizar, iremos abordar sobre as lutas feministas, em seguida, os estudos de Tiburi. Nossa análise foi composta por 4 imagens, nas quais apresentamos nossas considerações sobre estas.

1 SOBRE A ANÁLISE DO DISCURSO

1.1 Breve historiografia da AD francesa

A Análise do Discurso (AD) se caracteriza como uma disciplina sendo constituída, através da união de diversas áreas do conhecimento. Essa área de estudo surgiu na França, exatamente na década de 60, e tinha como finalidade unir as concepções de ideologia, com a linguagem da Linguística.

Isso fica evidente no *quadro epistemológico geral* da AD que, segundo Pêcheux ele,

reside na articulação de três regiões de conhecimentos científicos: (a) o materialismo histórico como teoria das formações sociais e de suas transformações, aí compreendida a teoria das ideologias; b) a lingüística como teoria, ao mesmo tempo, dos mecanismos sintáticos e dos processos de enunciação; c) a teoria do discurso como teoria da determinação histórica dos processos semânticos. (...) Essas três regiões são, de uma certa maneira, atravessadas e articuladas por uma teoria da subjetividade, de natureza psicanalítica. (PÊCHEUX, 1975, p. 8).

Diante do exposto podemos ver que a AD surge da interseção entre as materialidades históricas, lingüísticas e as teorias do discurso. Sendo que é através da lingüística, que se tem a consolidação dos discursos perante o sujeito e se estabelece a relação com o simbólico na história e nos efeitos de sentidos, fazendo com que os sentidos e os sujeitos fiquem representados sempre em movimentos.

Courtine (1981) também aponta que:

(...) o discurso materializa o contato entre o ideológico e o lingüístico: por um lado, representa, no interior da língua, os efeitos das contradições ideológicas e, inversamente, manifesta a existência da materialidade lingüística no interior do ideológico. A adoção de uma concepção especificamente discursiva deve evitar reduzir o discurso à análise da língua, ou dissolvê-lo no trabalho histórico sobre a ideologia, tomada enquanto “representação”. Trata-se de ter ao mesmo tempo a análise lingüística (...) e a análise histórica das condições de formação dos conjuntos ideológicos como o discurso”. (COURTINE, 1981, p.147).

É importante refletirmos sobre a concepção discursiva trazida na citação

acima, pois, antes da instauração da Análise do Discurso como disciplina e fonte de estudos acadêmicos, o que mais importava para os estudiosos era o estudo pela língua em suas diferentes formas, não se importando com outras materialidades como o discurso propriamente dito, suas ideologias, fundamentações, entre outras formas de materialização. Só depois que a AD foi instituída como disciplina é que passou-se a não estudar apenas as funções e manifestações da língua, mas o discurso como forma histórica e de importante estudo.

Podemos agora, perceber as relações entre esses campos de sentidos e poderes em que se materializam o discurso. Percebendo assim os fatores das condições nas quais são produzidas essas relações de sentidos e força sobre o sujeito falante e sua condição ideológica determinada diante dessas relações de força que sustentam as condições de poder e fala dada ao sujeito.

Segundo Orlandi (1988, p.15) a Análise do Discurso procura compreender a língua fazendo sentido, enquanto trabalho simbólico, parte do trabalho social geral, constitutivo do homem e da sua história (...) a linguagem como mediação necessária entre o homem e a realidade natural e social. Assim, fica claro que é através da sociedade/história que se cristaliza o efeito de poder especial que tem o homem diante dos discursos.

Desse modo, ainda conforme cita Orlandi:

Análise de Discurso visa à compreensão de como um objeto simbólico produz sentidos, como ele está investido de significância para e por sujeitos. (...) e cada material de análise exige que seu analista, de acordo com a questão que formula, mobilize conceitos que outro analista não mobilizaria, face a suas (outras) questões. Uma análise não é igual a outra porque mobiliza conceitos diferentes e isso tem resultados cruciais na descrição dos matÉrias. (ORLANDI, 1988, p.26,27).

Com isso, é possível estabelecermos essa compreensão de busca que observa como os discursos se constituem para gerar algo ou produzir sentidos, pois os sentidos se dão não da palavra, mas nas exterioridades, ou seja, nas qualidades de produzir os discursos, pois tudo que dizemos já foi dito por alguém em algum ambiente ou em algum momento.

Em suma, a AD ocupava-se em investigar principalmente os textos escritos institucionais, com destaque especial para os textos políticos. A partir dessas

materialidades, notaram o valor de analisar/estudar, também, aqueles discursos (intradiscursos) derivados dos campos cotidianos, o poder “dos discursos televisivos, na influência exercida pelo texto midiático imagético” (VIEIRA, 2017, p.45, 46).

Conforme Silva (2017):

Quando essa teoria adentra no campo acadêmico nacional, ela já estava passando por sérias transformações no contexto francês dos anos 80 [...]. [...] Isso dá o tom à AD brasileira e, ao mesmo tempo, desencadeia uma série de divergências epistemológicas, de modo a construir identidade(s) para as pesquisas desenvolvidas a partir dessa área do conhecimento”. (SILVA, 2017, p.53).

Portanto, fica claro que a AD entra em múltiplos campos do saber, como em disciplinas como filosofia, sociologia, e até em meios acadêmicos como o direito, em que se podem analisar discursos e suas formações discursivas, sendo que suas transformações também são grandes motivos de questionamentos e trabalhos discursivos. Optar por estudar a Análise do Discurso é desenvolver várias possibilidades que trazem muitos benefícios para o campo das teorias, estudos e pesquisas.

Em seguida, iremos começar nosso tópico em que serão apresentadas algumas abordagens e aportes sobre formações discursivas segundo Orlandi, 1988.

1.1.1 Formação discursiva

“As palavras falam com outras palavras. Toda palavra é sempre parte de um discurso”. (ORLANDI, 1988, p.43)

Diante do exposto que inicia este tópico, começaremos com uma discussão importante sobre discurso, pois sabemos que o discurso aparece a partir do que foi dito, ou seja, visto diante de alguma coisa que caracterizamos pelos vários saberes, também as formações ideológicas de uma determinada classe social.

Conforme cita Orlandi (1988):

O discurso se constitui em seus sentidos porque aquilo que o sujeito diz se inscreve em uma formação discursiva e não outra para ter um

sentido e não outro. Por aí podemos perceber que as palavras não têm um sentido nelas mesmas, elas derivam seus sentidos nas formações discursivas em que se inscrevem. (ORLANDI, 1988, p.43).

Diante desses pensamentos podemos perceber no que consiste as formações discursivas. É o sentido das palavras que são lançadas nos discursos. Em suma, podemos compreender que é “assim, a noção de *formação discursiva* atrelada a uma ideia de regularidade e dispersão”. (VIEIRA, 2017, p.57. Neste sentido, podemos entender como formação discursiva às várias fases em que se passa um enunciado antes de estar totalmente formado. Assim, ao tratarmos dessa concepção, estaremos nos ligando a vários enunciados, assim como suas posições no discurso, funcionamento, e ligações com outros discursos.

Foucault 1969, deixa claro o quão importante é a questão dos enunciados sobre a prática discursiva e compreensão de um discurso, já que, para ele, o que faz constituir um discurso é o conjunto de enunciados compostos nesses elementos de sentidos, fazendo-se refletir nas várias ideologias que constituem um sujeito. Podemos ver que:

A lei dos enunciados e o fato de pertencerem à formação discursiva constituem uma e única mesma coisa; o que não é paradoxal, já que a formação discursiva se caracteriza não por princípios de construção, mas por uma dispersão de fato, já que ela é para os enunciados não uma condição de possibilidades, mas uma lei de coexistência, e já que os enunciados, troca, não são elementos intercambiáveis, mas conjuntos caracterizados por sua modalidade de existência”. (FOUCAULT, 1969, p.135).

Essa ligação da formação discursiva com os enunciados se dá pela forma como o discurso será e é construído, ou seja, ambos estão ligados e, quando proferimos, por exemplo, uma série de enunciados, logo a formação discursiva estará se compondo.

Sabendo que, para compreendermos a formação discursiva precisamos perceber todo esse conjunto de regras construídas através dos enunciados. Nisso, essas formações discursivas também determinam o que pode ou não ser dito, entendendo que os enunciados mudam de sentido e ao passar de uma formação discursiva para outra.

Com isso é possível entendermos o grande valor dos enunciados e a

importância de compreendê-los para que possamos fazer uma boa análise discursiva.

1.1.2 Entendendo um pouco sobre Interdiscurso e Memória Discursiva

“O interdiscurso é todo o conjunto de formulações feitas e já esquecidas que determina o que dizemos”. (Orlandi, 1988, p.33)

Podemos considerar que o interdiscurso remete a condições de acontecimentos que já tenham acontecido. Courtine (1984) explicita essa diferença considerando a constituição - o que estamos chamando de interdiscurso – representada como um eixo vertical onde teríamos todos os dizeres já ditos e esquecidos, mas que nos remetem a lembrar em algum momento diante dos sentidos, ou seja, as nossas falas já foram ditas por alguém em algum lugar.

Assim, é cabível compreender as extremidades dos acontecimentos históricos para que o sujeito entenda os dizeres já ditos em determinado momento. Com isso, quando um falante utiliza uma determinada frase, ele pode estar retomando memórias passadas para embasar o seu discurso.

Vejamos o que diz Orlandi (1988), em relação à memória e interdiscurso:

A memória, por sua vez, tem suas características, quando pensada em relação ao discurso. E, nessa perspectiva, ela é tratada como interdiscurso. Este é definido como aquilo que fala antes, em outro lugar, independente. Ou seja, é o que chamamos memória discursiva: O saber discursivo que torna possível todo dizer e que retorna sob a forma do preconstruído, o já – dito que está na base do dizível, sustentando cada tomada da palavra. (ORLANDI, 1988, p.31)

Assim, consideramos que nossa memória tem as condições de produção dos nossos “dizeres”, mas não tem controle sobre o que dizem e nem sobre o que os sentidos se compõem. Deste modo, Orlandi (1988, p.32) afirma que “O sujeito diz, pensa que sabe o que diz, mas não tem acesso ao controle sobre o modo pelo qual os sentidos se constituem nele”. Podemos entender que a memória e o interdiscurso são de fundamental relevância para determinar os “dizeres” perante o sujeito dentro do discurso, considerando a perspectiva de o que nós dizemos já foi dito por alguém.

Orlandi (1988), deixa claro que o interdiscurso e a memória discursiva são de fundamental suporte para o sujeito e seus “dizeres”. Vejamos o que ela vem falar;

O interdiscurso – a memória discursiva- sustenta o dizer em uma estratificação de formulações já feitas, mas esquecidas e vão construindo uma história de sentidos. É sobre essa memória, de que não detemos controle, que nossos sentidos se constroem, dando-nos a impressão de sabermos do que estamos falando. Como sabemos, aí forma a ilusão de que somos a origem do que dizemos. (ORLANDI, 1988, p.54).

Diante do exposto resta-nos salientar de que é uma grande ilusão pensarmos que somos a procedência de nossos “dizeres”. Pois tudo já foi falado em algum momento “no entanto há sempre o incompleto, o possível pela interpretação” (Orlandi,1988, p.55). Com isso, fica explícito que “o interdiscurso não é transparente nem, muito menos, o sujeito é a origem dos sentidos, ninguém consegue enxergar a totalidade significativa nem compreender todos os percursos de sentido produzidos socialmente” (Gregolin, 2003, p.15) Fazendo com que nossos “dizeres” sejam sempre reformulados e analisados diante dos discursos.

Desse modo, podemos notar que o interdiscurso sempre vai intercalar-se com a memória discursiva formulando os “dizeres” diante do discurso. “Pois é o *dizer* que fabrica as noções, os conceitos, os temas de um momento histórico”. (Gregolin, 2003, p.15).

1.2 Mídia e Identidade

A mídia é uma grande influenciadora para a construção da identidade, mas é preciso termos cuidado, pois essa progressão de construção de identidade nos remete às escolhas, sendo preciso ter determinação diante da modernidade. Precisamos analisar a fase do “pertencimento”, como etapa que está vinculada constantemente com a construção da identidade.

Assim, a identidade é realmente algo formado, ao longo do tempo, através de processos inconscientes, e não de algo inato, existente na consciência no momento do nascimento. Existe sempre algo “imaginário” ou fantasiado sobre sua unidade. Ela permanece sempre incompleta, está sempre “em processo”, sempre “sendo formada”. (HALL, 1992, p.38).

Diante disso, podemos ver que, os meios de comunicação acabam sendo uma grande fonte de estudo e tornando-se um mecanismo para que as identidades adentrem em constante reconstrução. “Assim, ao acompanhar alguns trajetos de sentidos em textos da mídia, podemos perceber sua função na produção social das lutas pelas construções/reconstruções das identidades”. (GREGOLIN, 2003,p.24). Em suma, nossa identidade está em constante evolução diante desse mundo líquido onde as “identidades flutuam no ar, algumas de nossa própria escolha, mas outras, infladas e lançadas pelas pessoas em um determinado espaço de tempo. (BAUMAN, 2005, p.17)

Atualmente a internet é uma grande aliada na construção de identidades pois “somos incessantemente vinculados a moldar as nossas identidades, sem ser permitido que nos fixemos a uma delas, mesmo querendo” (Bauman 2006: 96-97). Sendo assim, os meios de comunicação sobretudo à mídia, acabam por persuadir e manipular as pessoas em várias dimensões estabelecendo algo que permanece, ou que venha ser fictício, fazendo com que estejamos sempre em construção.

Hall (1992) aponta três concepções de sujeito para se pensar a identidade;

- a) Sujeito do Iluminismo,
- b) Sujeito sociológico e
- c) Sujeito pós-moderno.

O sujeito do iluminismo, segundo o autor, vem se basear em uma pessoa centrada e com capacidades, já que se cresce a partir da identidade de um só sujeito, individual, ou seja, a consolidação da identidade está unicamente ligada ao que você é e o que contruiu ao longo do tempo.

O sujeito sociológico reflete a disposição atual abordada de alguma situação, ou seja, não era independente, precisando de outras pessoas para existir, visto que o sujeito sempre iria necessitar de alguém importante para construir sua própria identidade.

E, por fim, abordamos o sujeito pós-moderno, que vem ser o mais estudado e pesquisado, assumindo várias identidades em diferentes ocasiões. Pois não existe uma identidade fixa para esse sujeito. “Nosso mundo fluido exige que as identidades

não sejam permanentes. Essa é uma condição da vida moderna”. (GREGOLIN, 2003, p.24). Com isso, podemos situar que a modernidade e a globalização têm uma grande contribuição na formação de identidade. E uma dessas modernidades consiste na mediação das identidades ao longo do tempo.

a globalização, a mídia aproximam universos de toda espécie [...]. As subjetividades, independentemente de sua morada, tendem a ser povoadas por afetos dessa profusão cambiante de universos; uma constante mestiçagem de forças delinea cartografias mutáveis e coloca em xeque seus habituais contornos (ROLNIK, 1997, p, 132).

Nesse contexto, a mídia cristaliza esse poder em formular essa identidade entre o sujeito moderno e com o que lhe convém, partindo da ideia de que “a identidade é formada na “interação entre o eu e a sociedade”. (HALL, 1992, p.11). Assim, podemos refletir sobre seguinte questão, que a identidade deve ser pensada como um construto, em que precisa sempre de algo para se evoluir. E a mídia vem ser um facilitador para essa construção de identidade, pois a mesma aproxima mundos.

1.3 Uma breve historiografia sobre gênero

Ao falar-se sobre gênero somos levados a cogitar inúmeros questionamentos perante a sociedade e os padrões que a mesma nos impõe, levantando várias inquietações sobre o sujeito e suas peculiaridades. Sendo assim, “falar sobre gênero neste século não é apenas necessário, mas imperativo. Há premência por conhecimento”. (JESUS; CARBONIERI; NIGRO, 2017, P.123). Assim podemos compreender que a significação de “gênero” está sempre em construção, sendo motivo de várias discussões e ainda sugere ser muito pesquisado, pois o que temos são alguns conceitos gerais e biológicos. Para explicarmos melhor e tentarmos nos fundamentar um pouco sobre essa questão recorreremos ao dicionário Houaiss (2001, p.1441) que vem abordar que:

1.genero é o conceito geral que engloba todas as propriedades comuns que caracterizam um dado grupo ou classe de seres ou de

objetos 2. Conjunto de seres ou objetos que possuem a mesma origem ou que se acham ligados pela similitude de uma ou mais particularidades [...]9. Categoria das línguas que distingue classes [...] p. ex. a distinção de sexos, pela qual a classe de palavras designando machos é gramaticalmente masculina. Houaiss (2001, p.1441)

Podemos perceber nessa citação que apresenta alguns conceitos de gênero, que mesmo com essas abordagens e fundamentos levantados, ainda existe uma grande lacuna a ser preenchida sobre o que distingue gênero, ficando difícil ter uma determinação sobre o que realmente seria, e levantando assim várias inquietações e estudos a respeito das composições “físicas”, “biológicas” e cultural/social do que possa ser entendido como gênero.

“Os limites da análise discursiva do gênero pressupõem [...] as possibilidades das configurações imagináveis realizáveis do gênero na cultura” (BUTLER, 2003, p.28). Nesse sentido, podemos abordar o gênero como uma série de acontecimentos que sucedem na vida do ser humano, e isso depende de fatores não só biológicos ou sociais, mas de questões ideológicas também.

Nisso:

Características naturais de gênero e processos naturais de sexo e reprodução fornecem apenas um pano de fundo sugestivo e ambíguo para a organização cultural do gênero e da sexualidade. O que é gênero, o que são homens e mulheres, que espécie de relações se obtém ou se deveria obter entre eles - todas essas noções não são simplesmente reflexos ou elaborações a partir de “dados” biológicos, mas são produtos de processos sociais e culturais. A própria ênfase no fator biológico é variável nas diferentes tradições culturais; algumas culturas afirmam que as diferenças entre machos e fêmeas são quase totalmente baseadas na biologia, enquanto outras dão bem pouca ênfase às diferenças biológicas, ou supostamente biológicas.” (ORTNER E WHITEHEAD, 1981, p. 1).

A partir dessas indagações percebemos que a noção de gênero é muito subjetiva e não pode ser tratada apenas como diferença de sexo entre (homem/mulher), e sim como um conceito a gerar significações por meio de transformações do sujeito perante a sociedade.

Na obra *História da sexualidade*, vol.2 Foucault argumenta que o “sexo” é uma finalidade e pode servir de “princípio constituído para o gênero.

A noção de sexo permitiu agrupar, de acordo com uma unidade artificial, elementos anatômicos, funções biológicas, condutas, sensações e prazeres, e permitiu fazer funcionar esta unidade fictícia como princípio causal, sentido onipresente, segredo a descobrir em toda parte: o sexo pôde, portanto, funcionar como significante único e como significado universal. Além disso, apresentando-se unitariamente como anatomia e falha, como função e latência, como instinto e sentido, pôde marcar a linha de contato entre um saber sobre a sexualidade humana e as ciências biológicas da reprodução; desse modo, aquele saber, sem nada receber realmente dessas últimas - salvo algumas analogias incertas e uns poucos conceitos transplantados - ganhou, por privilégio de vizinhança, uma garantia de quase cientificidade; mas, através dessa mesma vizinhança, certos conteúdos da biologia e da fisiologia puderam servir de princípio de normalidade à sexualidade humana” (FOUCAULT, 1979: 144-145).

Com isso, são enfatizadas seis concepções, adotadas por Foucault para tentarmos compreender a noção de sexo e construção de gênero, que vem se agregar ao sujeito criando assim vários questionamentos sobre a evolução humana. Mas sobre a questão de gênero não podemos defini-lo apenas como a diferença entre masculino/feminino, vai muito além de tudo isso, pois, determinantes de questões biológicas também consideram a identidade de gênero de transsexuais, homossexuais, transexuais, hemafroditas, entre outros. E veio se construindo novos sentidos com o passar dos tempos, levantando assim várias discussões e crítica principalmente quando focamos na luta feminista. Vamos ver o que Tiburi (2018), nos diz sobre a evolução de gênero.

Gênero é um termo que ficou muito conhecido a partir dos anos de 1970, quando passou a ser usado como categoria de análise. Esse aspecto de categoria crítica e desconstrutiva parece ter sido deixado de lado por algumas ideologias. “Gênero” passou a ser demonizado em certos contextos. Hoje muitos usam essa palavra em um sentido verdadeiramente perverso. As feministas e os estudiosos de diversas áreas ligadas ao tema têm sido acusados, em uma inversão de sentido, de “Ideólogos de gênero.” (TIBURI, 2018, p.73,74).

Desse modo, podemos notar que a noção de gênero, mantém fortes relações com as lutas feministas, a cada dia os estudos feministas sobre esse aspecto vem crescendo. “Estamos falando muito sobre isso atualmente com a intenção de libertar uma categoria de análise da demonização na qual ela foi colocada pela má-fé de conservadores misóginos e epistemologicamente perversos”. (TIBURI, 2018, p.74).

Esse novo panorama constitui-se em um ponto de partida muito importante para a libertação e construção de novos sentidos sobre a questão de gênero, ou seja, é importante que lutemos para que essa construção do gênero não seja usada para acusações ou preconceito e sim para fins de libertação do ser oprimido.

Nisso, “as transformações no contexto do que chamamos de gênero apavoram aqueles que preferem viver em uma sociedade na qual as pessoas são marcadas com gado” (TIBURI 2018, p.76). O feminismo nos dar a oportunidade de transformação diante desse cenário em que a sociedade nos impõe a viver em padrões que supostamente sejam os certos. “O patriarcado sempre legislou sobre as mulheres, sempre quis dizer o que era melhor para elas – assim como o sistema faz com as pessoas marcadas como negras, pobres, ou diferentes em geral”. (TIBURI, 2018, p.77).

Diante disso, podemos ver o quanto as normas sociais ditam as coisas e oprimem cada vez mais as pessoas. É justamente nesse contexto de opressão e “ditadura” que a luta feminista atua e faz dar voz ao silêncio que grita no peito dos oprimidos. Sendo assim, “o feminismo é um convite a um diálogo radical e profundo”. (TIBURI, 2018, p.77). E torna-se possível pensar e construir novos sentidos direcionando e ajudando a pessoas que lutam por igualdade e respeito perante a sociedade.

1.4 Feminismo: Um lugar de lutas

“Feminismo é uma dessas palavras odiadas e amadas em intensidades diferentes. Assim como há quem simplesmente rejeite a questão feminista, há quem se entregue a ela imediatamente”. (TIBURI, 2018, p.07).

Com a citação que inicia este subcapítulo, damos início a uma discussão do papel do feminismo e da luta por uma sociedade mais humana com menos preconceitos e injustiças, ou seja, uma sociedade que abrace as pessoas independente de suas escolhas e sexo. Pois ao pensarmos no “amor” e no “ódio” podemos ver que os dois caminham juntos e talvez não haja uma estabilização entre ambos, mas os dois tem um grande poder de polemizar e transformar as pessoas, por isso, quem sabe essas duas palavras estejam tão ligadas a questões do feminismo na sociedade Contemporânea.

Ainda pensando na luta feminista podemos ver que a mesma é de suma importância para nos levar a refletir sobre o desempenho dessa luta na sociedade, que ainda tende a se manter sob esse sistema “patriarcal” e injusto que vem causar vários transtornos e opressões nas pessoas que não atendem a esses padrões culturalmente impostos pela sociedade. Segundo os estudos de Tiburi (2018), sobre o feminismo em comum, ela diz que “podemos definir o feminismo como o desejo por democracia radical”, ou seja, são mulheres que lutam em conjunto para viver em uma sociedade de acordo com o que querem e necessitam, lutando por igualdade perante os sexos e pelo fim do preconceito entre as classes.

Consideremos isto:

O feminismo nos leva á luta por direitos de todas, todes e todos. Todas porque quem leva essa luta adiante são as mulheres. Todes porque o feminismo liberou as pessoas de se identificarem somente como mulheres ou homens e abriu espaço para outras expressões de gênero – e de sexualidade – [...] Todos porque luta por certa ideia de humanidade (que não é humanismo, pois o humanismo também pode ser um operador ideológico que privilegia o homem em detrimento das mulheres, dos outros gêneros e, até mesmo, das outras espécies). (TIBURI, 2018,p.11,12).

Diante do exposto, podemos perceber essa tentativa de englobar essas categorias de gênero utilizando dessas palavras *Todas, Todes e Todos*, deixando claro que essa luta contempla de um modo abrangente todas as classes. Fazendo com que a sociedade (re)pense sobre a noção de feminismo/gênero, abrindo espaços para várias pesquisas e questionamentos sobre o gênero de uma maneira geral. Assim, o feminismo tem uma grande contribuição em tornar possível essa luta por direitos das pessoas menos favorecidas nesse processo “patriarcado” para entendermos melhor sobre essa questão de patriarcado veja o que Tiburi (2018) diz;

O que chamamos de patriarcado é um sistema profundamente enraizado na cultura e nas instituições. É esse sistema que o feminismo busca desconstruir. Ele tem uma estrutura de crença firmada em uma verdade absoluta, uma verdade que não tem nada de “verdade”, que é antes, produzida na forma de discursos, eventos e rituais. (TIBURI, 2018, p.26,27).

Ainda convivemos com essa ideia de que o homem naturalmente tem esse poder de hierarquizar diante da mulher. Atualmente existe um grande avanço nas

questões de lutas e empoderamento feminino, e com isso as lutas feministas tem um grande avanço, mas ainda tem muito a ser feito. Pois a mulher mesmo desempenhando o mesmo trabalho do homem ainda enfrenta um grande desafio que é o reconhecimento que na maioria das vezes não tem em determinadas funções.

A exemplo disso, podemos trazer a desigualdade salarial entre homens e mulheres, como também a desigualdade nas tarefas de casa, em que a mulher sempre acaba sobrecarregada em relação ao homem. Tendo que trabalhar, cuidar dos filhos, da casa etc.

1.4.1 “Luta Feminista”: A identidade feminina discursivizada em uma página do *instagram*

“Feminismo em comum para Todas, Tode e Todos” (TIBURI,2018)

A página do *Instagram* “Luta Feminista”, hoje conta com aproximadamente 104 mil seguidores, sendo que as postagens da página ganham em torno de 11.564 mil curtidas, com milhares de visualizações, sendo ponderada uma página feminista da contemporaneidade.

A fundadora da página é @Maya. Suas postagens começaram a manifestar-se e a mostrar o movimento feminista lutando por direitos e levando as pessoas a tentarem ser quem elas quiserem, quebrando *tabu* criado e imposto pela sociedade.

A pretensão de apresentar uma igualdade de gêneros, com maior valorização do transexual e pretensão de manifestar-se ao mundo a natureza de livre-arbítrio fez com que a fundadora desta página passasse a manifestar-se, através de suas postagens.

Com isso, a pagina manifesta igualdade entre todos os gêneros, ou seja, fazendo com que gays, lésbicas, travestis, transexuais, além de mulheres que se sentem oprimidas, tanto mentalmente, como profissionalmente, fisicamente, fazendo com que suas seguidoras ponham sempre o amor próprio em primeiro plano e mostrando assim o poder que é ser dono si e da força que elas devem ter para lutar e se libertar de tudo que possa aprisiona-las.

É diante disto que percebemos a importância que é a luta por direitos principalmente os direitos dos menos favorecidos que vivem oprimidos em uma

sociedade “líquida”. Esta página explicita a luta e desigualdade sofrida e vivida pelas mulheres, e, por isso, abre espaço para que lutemos por respeito para todos. Mostrando principalmente o empoderamento da mulher em que ela possa ser tudo que desejar sem precisar se prender a padrões sociais.

Assim, buscando entender essas causas, nosso próximo capítulo irá abordar um pouco da identidade dessas mulheres, e como lutam por igualdade em uma sociedade que injustiça e maltrata.

2 A IDENTIDADE DA MULHER NA MÍDIA: UMA LUTA POR IGUALDADE

“Que um homem não te define, Sua casa não te define, sua carne não te define, você é seu próprio lar [...]” (FRANCISCO, EL HOMBRE).

Por meio da epígrafe com que começamos este capítulo, damos início a questão da identidade da mulher que é evidenciada, também, através da música. Essa música mostra o poder de luta que a mesma vem adquirindo, construindo assim uma identidade própria sem que ninguém a defina, sendo ela mesma a dona si. Sem ter que ser prisioneira dos padrões impostos pela sociedade.

As palavras “Luta e Igualdade” são empregadas por mulheres que lideram grupos feministas, que lutam por um mundo com menos preconceitos, tendo uma das finalidades serem contra o machismo e a violência que as minorias sofrem diariamente, tanto na família, como também no meio social, fazendo da mulher apenas uma criatura domesticada para cuidar do lar, dos filhos e do marido, apagando seu brilho e a restringindo a sempre estar submissa ao homem. Camuflando os múltiplos papéis que ela também é capaz de desenvolver, tanto no campo de trabalho como também na participação ativa na sociedade.

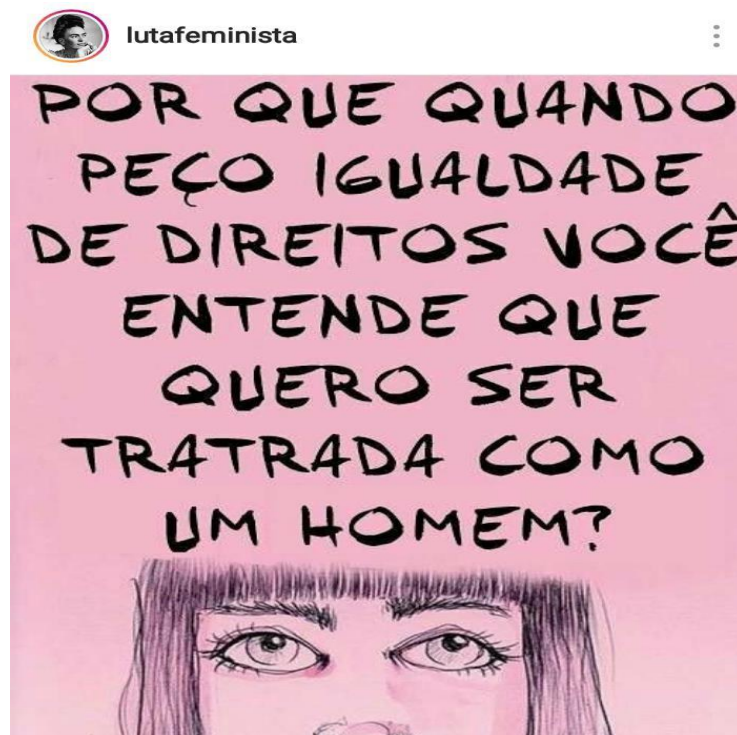
Assim, a luta por igualdade e transformação das mulheres aconteceu desde o momento que “todas as exigências transformavam as mulheres em seres recatados e sisudos que, no casamento e na família, tinham função específica: a de servir e obedecer como fazem as boas, virtuosas e bem procedidas mulheres”. (PRIORE, 2013, p.40).

Diante dessas molduras a que a mulher é de certa forma “obrigada” a se enquadrar, começaram as manifestações feministas, lutando bravamente por seus direitos de ser o que quiser sem precisar de um casamento que na maioria das vezes tem por base a violência doméstica e o marxismo. Diante desse contexto podemos ver que “as mulheres representam uma imensa multidão de seres que não puderam se tornar quem eram, ou quem desejavam ser, porque foram educadas para servir aos homens.” (TIBURI,2018,p.79).

Para explicarmos essa luta da mulher para ser livre, e impor suas batalhas, vamos apresentar uma postagem com enunciado, em que tem discursos sobre o feminismo, ainda que a mulher faça uma indagação à forma com que o Homem as veja, mesmo assim acabam sendo criticadas, fazendo assim, uma crítica como censura ao semiótico feminino por quererem lutar por seus próprios direitos.

Nessa primeira postagem, veremos que os direitos das mulheres são negados de algumas formas, e que os homens sentem-se e são superiores a isso.

POSTAGEM 1: Igualdade, igualdade!



Fonte: Página do *Instagram* “Luta feminista”.

A postagem que trazemos acima nos mostra, de forma explícita, os

questionamentos levantados por mulheres que são corajosas e se posicionam sobre seus direitos de igualdade e como vem ser a opinião do homem em relação a mulher nesse aspecto. Desse modo, alguns homens passam a oprimir e fazer com que a mulher venha a ser julgada ou “tachada” como ser inferior, ou seja, que não pode ter os mesmos direitos e igualdade que o homem tem.

Durante muito tempo, a camada do igualitarismo feminino foi designada com um jeito ditador de que a mulher é criada apenas para cuidar do esposo, das crianças, e convivendo, na maioria das vezes, carregada de informações e concepções que a faz achar que precisa de todo jeito, dedicar-se unicamente a agilidades que envolvam as tarefas do lar e da família criando assim uma identidade não desejada, mas imposta pela sociedade.

Nesse ponto:

identificar-se com... significa dar abrigo a um destino desconhecido que não se pode influenciar, muito menos controlar. Assim, talvez seja mais prudente portar identidades como um manto leve pronto a ser despido a qualquer momento. (BAUMAN, 1949, p.36).

Diante desta citação podemos ver talvez que essa identidade esteja lutando por sair de sua zona de conformismo e opressão para lutar por uma verdadeira identidade onde possa ser e ter seus valores respeitados diante de suas batalhas e sofrimento, construindo um novo ser forte e capaz de não aceitar padrões que não lhe agradem.

A postagem em análise, podemos ver a figura de uma moça, mais especificamente de uma mulher, com pensamentos se questionando sobre seus direitos. Transmitindo a seguinte questão “por que quando peço igualdade de direitos você entende que quero ser tratada como homem?”

Trazemos uma questão que cita o discurso que prega na mulher esse questionamento sobre os seus direitos não exercidos e manifesta, através de um simples enunciado, o que devemos questionar enquanto mulheres. Sabemos que um discurso é formado diante da ligação dos enunciados, e com isso, o enunciado que é visto na postagem acima, traz indagações sobre o que, criticamente, nos fazem lutar e também a importância que eles possuem na construção do ser feminino dando sentido ao enunciado e a questão que foi levantada pela moça da

postagem.

Mas esse conjunto é tratado de tal maneira que se tenta encontrar, além dos próprios enunciados, a intenção do sujeito falante, sua atividade consciente, o que ele quis dizer, ou ainda o jogo inconsciente que emergiu involuntariamente do que disse ou da quase imperceptível fratura de suas palavras manifestas; de qualquer forma [...]". (FOUCAULT, 1960, p.36).

Podemos ver que a criadora da página teve um propósito ao publicar esse enunciado, abrindo espaço para que as mulheres não se sujeitem a padrões nem muito menos ao machismo do homem. Fazendo com que a identidade seja construída diante de seus desejos e não de padrões machista imposto ao ser feminino, fazendo a mulher empoderar-se e ser ela mesma sem se deter as exigências sociais.

Com isso, essa postagem veio de forma singular tendo uma grande relevância para levantar e indagar as mulheres sobre seus direitos oprimidos pelo homem e a sociedade.

Postagem 2: Por que preciso do feminismo?



Fonte: Página do *Instagram* “Luta feminista”.

Nesta segunda postagem temos como composição do enunciado o gênero circulado na internet, sendo este a figura de uma lixeira, sendo que na mesma está escrito uma frase em que acaba nos levando a refletir sobre o machismo e abuso sofridos por mulheres em pleno século XXI.

Com isso, percebemos a importância do discurso na construção deste enunciado, já que este, mesmo utilizando enunciados que chamam a atenção do leitor, fazem uso do recurso iconográfico caracterizado com a figura de uma lixeira, visto que as mulheres – sejam feministas ou não, sofrem com o machismo causado pelo fato de usarem roupas curtas.

Diante do exposto podemos entender que esta postagem nos remete a outro discurso, ou seja, que vai diretamente ao leitor fazendo o mesmo refletir e entender a importância das lutas que as mulheres vêm enfrentando dia a dia com o machismo, e o preconceito sofrido por elas. “Sendo o feminismo uma conquista do direito ser quem se é”. (TIBURI, 2018, p.73).

Com isso, somos levados a crer que essa formação discursiva foi empregada para que possamos ter um entendimento melhor sobre o feminismo e a questão do estupro que atinge milhares de mulheres. Quando diz “Eu preciso muito do feminismo” nos dá a entender que o feminismo vem ser uma forma de busca por direitos da mulher, e vem de uma maneira desesperadora com os enunciados escritos em uma lata de lixo na rua, na tentativa de expor essa causa de qualquer maneira. No final da frase quando diz “Ainda perguntam o que a vítima usava” podemos ver aí um grande preconceito sobre a questão machista que marca a mulher pelas suas vestes. Sendo assim, percebemos a relação deste discurso com os discursos usados por pessoas preconceituosas que acreditam que a roupa define a mulher.

É importante voltarmos a questão do interdiscurso abordado nessa imagem. É comum ouvirmos a justificativa de que a roupa define algo ou alguém e que é uma forma de chamar a atenção para atos sexuais. Por isso, quando alguma mulher é estuprada, logo se pergunta qual roupa a vítima estava utilizando, como se um short curto ou blusas decotadas fossem motivo para que o ato fosse praticado.

Podemos ver que a identidade construída através deste enunciado é uma

identidade que luta contra o estupro. Mostra que a pessoa que construiu essa postagem, manifestar-se com um discurso, que apresenta a mulher e a luta feminina, fazendo com que seus seguidores vejam que podemos lutar por nossos direitos em qualquer lugar, até mesmo em um escrito feito na lata de lixo.

Neste sentido, esse enunciado nos permite construir uma identidade que tem coragem de resistir e enfrentar as opressões vividas sem que desista. Já que para Bauman (1949, p.26), “a ideia de “identidade” nasceu da crise do pertencimento e do esforço que esta desencadeou no sentido de transpor a brecha entre o “deve” e o “é” e erguer a realidade ao nível dos padrões estabelecidos”, ou seja, segundo ele devemos recriar a realidade. Portanto, a postagem nos mostra uma forma de criação de sentidos sobre o enunciado fazendo com que as pessoas tenham um olhar melhor sobre a questão do estupro e a luta feminina a respeito dessa questão.

Postagem 3: Conhecimento gera empoderamento



Fonte: Página do *Instagram* “Luta feminista”.

A postagem acima vem fazer referência ao marco da luta feminina, em busca da liberdade da mulher através do conhecimento, o que denota o empoderamento feminino como forma de libertação. Vemos que atualmente as mulheres tem mais vez e voz, o que faz com que ela se auto libertem.

Esse enunciado cristaliza o poder que a mulher tem quando procura por informação através do estudo da historicidade. Pois sabemos que só o conhecimento abrange várias coisas, ou seja, nos dar a chance de termos nossas próprias identidades, podendo empoderar-se de saberes abrindo espaço para outras mulheres sentirem-se livres para buscar por conhecimento através do estudo, modificando assim a cultura de que a mulher precisa apenas de casar e cuidar do lar.

Pode-se observar um novo discurso sobre o perfil feminino, o discurso de empoderamento da mulher regada de saberes, gerando assim uma inovação na cultura da mulher moderna que luta por igualdade e respeito. Em suma, podemos entender que atualmente as mulheres conquistaram poder e isso pode ser notado na leitura que a mulher da imagem está fazendo: Um livro de historia, que antes não era possível ser lido por uma mulher, como livros eróticos ou com histórias de homossexualismo.

Também podemos notar que o livro pode nos remeter a questão de algumas mulheres não conhecerem a luta histórica e social do feminismo, e essa questão da memória discursiva nos faz perceber isto. Percee-se isso na postagem quando aparece a frase “buscar conhecimento também é empoderar-se”, fica cristalizada a busca por uma construção de uma identidade através do poder que o conhecimento nos transmite.

Segundo Paulo Freire (1996) o conhecimento faz libertar pessoas da opressão de viverem submissas às molduras, criando assim um ser pensante capaz de libertar-se e ser formador do seu próprio entendimento. Construindo um mundo com menos exclusão e violência.

Com isso, firmamos a importância que é o conhecimento e também como o discurso que compõe a postagem pode ser de uma grande ajuda para várias mulheres, principalmente suas seguidoras.

Assim, percebe-se que a questão do feminismo pode gerar história, e história vira memória. Assim, entendemos que para que as feministas possam adquirir poder, lutas constantes estão em jogo, sejam elas positivas ou negativas. Nisso, a

próxima imagem vai nos remeter a comentários que fazem sobre as mulheres, fazendo com que estas sintam-se menosprezadas ou desvalorizadas, já que precisam seguir padrões impostos pela sociedade.

Postagem 4: “Você não é como as outras”



Fonte: Página do *Instagram* “Luta feminista”

Nesta quarta postagem podemos ver a imagem da figura de apenas olhos dando uma viradinha, como se a pessoa estivesse se sentindo indignada com algo ou alguém que vem tentar elogia-la ofendendo outra mulher. Apresentando a sensação de uma mulher horrorizada. A imagem como um todo apresenta uma crítica aos padrões violentos e opressores que alguns homens usam para tentar elogiar uma mulher difamando as outras.

Esse enunciado que está publicado na imagem, vem retomar uma memória discursiva, levando em consideração que deve-se lembrar de discursos de pessoas que denigrem as mulheres, ou que as compara com outras, e assim, para Orlandi (1983) os sentidos não estão só nas palavras, eles vão além delas, “podemos dizer que o sentido não existe em si mas é determinado pelas posições ideológicas

colocadas em jogo [...] as palavras mudam de sentido segundo as posições daqueles que as empregam.” (OLANDINI,1983,p.43).

No caso do enunciado acima: “Você não é como as outras”, “não me elogie ofendendo outras mulheres”. Traz toda uma relação de formação ideológica deixando evidente essa memória, ou seja, faz um resgate na memória atual, por exemplo, em que mulheres ofendem umas as outras como se a culpa de algo fosse apenas de caráter feminino.

Além de trazer também em seu contexto uma linguagem de fácil compreensão sobre o respeito que devemos ter com as companheiras femininas. Logo, sabemos que essa postagem é contra as formas violentas de se tratar outras mulheres, considerando que a "linguagem opressiva é violência, não meramente uma representação dela. Linguagem opressiva não é um substituto da experiência da violência. Ela encena seu próprio tipo de violência" (BUTLER, 1997, p.9, tradução nossa, grifo no original), pois se observarmos o enunciado percebemos no momento em que é dito a seguinte frase: “Você não é como as outras” diante disso, podemos ver que esse discurso causa uma opressão na mulher.

Nesse sentido, vimos que esta postagem nos mostra a importância da mulher lutar por seus direitos, criando uma identidade mais sólida e visível, na qual ela não precise de um homem que para elogiá-la acabe denegrindo outras mulheres, com esses discursos machistas e opressores que as mulheres são vítimas diariamente, mesmo em pleno século XXI. É preciso acrescentar que esses “elogios” que alguns homens fazem, acabam sendo mais uma forma machista de o homem tratar as mulheres. E é isso que percebe-se na postagem: comentários que fazem comparações e que, mesmo que sejam positivos para alguma mulher, podem soar de mau gosto para outras.

Postagem 5: Luta feminista



Fonte: Página do *Instagram* "Luta feminista"

Na postagem acima, fica visível a garra e a coragem das mulheres, para enfrentar uma sociedade machista e desigual, cheia de achismos que na maioria das vezes faz das mesmas, seres incapacitados de suas próprias vontades. Essa postagem faz encorajar as pessoas oprimidas a se libertar e não aceitar ser criticada e ter que se omitir: Podemos ver isso nas seguintes figuras, na primeira que aparece uma boca aberta dizendo "não vou me calar" isso quer dizer que a mulher feminista de hoje não calar-se, vai a luta abre a boca liberta-se e encoraja outras mulheres a fazer o mesmo, pois sua liberdade é o que tem de mais precioso.

Na segunda figura em que aparecem apenas os pés, e tem a seguinte frase "não vou me curvar" existe uma razão em que essas mulheres não vão mais aceitar certas situações que são impostas e seguem firmes.

Na última figura que está escrito "não vou me calar" acirra a luta por seus direitos de igualdades, pois podemos ver na postagem como um todo várias

mulheres de mãos dadas caminhando e com a seguinte frase: “e não marcho sozinha” essa frase nos remete a ideia de que todas estão juntas lutando em uma busca por igualdade, e como também nos ativa a memória de outras mulheres que compartilham de desejos diferentes desses, como é o caso das que escolheram não ser donas de lar, contra regras e padrões sociais, e que lutam de acordo com o que desejam e veem como liberdade.

O procedimento das figuras empregado nessa postagem midiática nos mostra uma criticidade revolucionária da figura feminina, mostrando que as mulheres principalmente as feministas estão cada vez mais fortes e conseguindo espaço perante a sociedade.

A mídia acaba sendo usada como dispositivo de discurso, “na sociedade contemporânea, sendo o meio do qual é construída uma “história do presente” como um acontecimento que tenciona a memória e o esquecimento” (GREGOLIN, 2003, p.16). Com isso, ela vai nos dando a possibilidade de construirmos a nossa identidade.

Neste sentido, vemos que a identidade feminista é construída de uma forma autossuficiente, livre, longe de padrões e regras impostas socialmente, que tentar libertar outras mulheres que vivem a mercê dos discursos sociais.

Postagem 6: Meu corpo, minhas regras



Fonte: Página do Instagram "Luta feminista"

A postagem apresenta um discurso que reflete a construção da identidade de várias mulheres feministas que lutam e se manifestam com o desejo de mudança através daquilo que elas gostariam que acontecesse, revigorando seu desejo de poder ter livre arbítrio em fazer suas escolhas sem que sejam discriminadas diante da sociedade. Essa luta feminista é muito importante para quebrar essas regras patriarcais, machistas e conservadoras impostas pela sociedade.

Neste sentido, o feminismo age na postagem como um ativador de lutas por causas sociais que atualmente são constantes. Vemos que muitas questões são ativadas, principalmente com relação ao corpo feminino, que é visto como cheio de padrões que devem ser seguidos. Na imagem, percebemos a presença de mulheres de todas as raças, cores e etnias, para mostrar a diversidade feminista como quebra de tabus sociais. Notamos também a imagem de uma mulher grávida, simbolizando a forma como cada mulher deve decidir a sua gestação, fazendo-nos refletir sobre o

aborto, que é considerado um tabu desde os séculos passados, mesmo sendo constantemente praticado atualmente.

Diante de todo esse contexto do enunciado, a postagem acima nos mostra um discurso empoderado de mulheres que não aceitam padrões impostos pela sociedade e que em contrapartida usaram o dia internacional da mulher para abraçar essa causa que envolve diferentes direitos da mulher envolvendo diferentes culturas, diferentes classes sociais e etc..

Diante do exposto, apresentamos à seguinte postagem: “Meu corpo minhas regras. Para todas as lutas das mulheres!!!” essa postagem traz consigo o discurso de várias mulheres que clamam por liberdade e direitos de igualdade de poder ser quem elas quiserem, mulheres empoderadas que lutam por seus ideais independente de qualquer coisa, como também batalha por novas políticas em que as minorias não sejam tão desfavorecidas. Para essas mulheres, a luta por igualdade entre os gêneros e classes é uma forma de mostra as pessoas que as mulheres são serem empoderados, e que precisam ter vez e voz na sociedade, elas seguem juntas lutando cada uma com seus objetivos, mas com um mesmo propósito de serem livres e poderem ter os mesmos direitos que os homens.

Com isso, o enunciado transmite uma construção do semiótico feminino que tem coragem de resistir (lutar) por seus direitos de igualdade e respeito. Diante deste sentido, fica claro que “o sujeito constitui-se por meio das práticas discursivas”. (SILVA, 2007, p.445). Por meio das práticas discursivas, em publicações como as que foram analisadas aqui, o sujeito feminino vai lutando em prol de algo ou por alguma razão, fazendo destas postagens aliadas na luta pelos direitos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo possibilitou uma análise acerca de postagens da rede social *instagram*, a fim de mostrar como se constrói a discursivização sobre a mulher através desses enunciados. Diante da análise de dados levantada, sobre as questões da mulher na mídia, mais especificamente, em uma página feminista, destacamos a luta de mulheres feministas por igualdade de direitos. Além de mostrarmos o quanto ainda existe machismo na sociedade e como a mulher vem lutando cada dia contra tudo isso, destacando assim, o seu empoderamento diante essa luta.

Diante disto, construímos nossa análise através de seis postagens de enunciados de uma página do *instagram* “Luta feminista”, onde foi possível compreender que a mulher mesmo com o machismo e o preconceito sobre a mesma, mesmo com tudo isso ela vem conseguindo lutar por seus ideais e mostrar para ela mesma e para a sociedade que todas são capazes de ser o que quiserem, ou seja, a mulher vem se empoderando a cada dia e lutando para libertar-se de tudo que a faz ser prisioneira e ganhando mais independência. Conseguimos também, através de nossas análises enfatizar que a mulher vem a cada dia se tornando mais livre, construindo uma identidade de mulher independente a partir de suas próprias escolhas, sem que seja forçada aos padrões impostos pela sociedade.

Percebemos que a construção de sentidos dos enunciados que analisamos manifesta-se um semiótico feminino na medida em que manifesta um novo olhar sobre o empoderamento das mulheres, sendo ele voltado para um ser que busca por igualdade e que não precisa de um homem para que possa construir seus ideais, que não deixa de lutar por sua igualdade de direitos, principalmente na questão de igualdades de gêneros.

Desse modo, o trabalho desenvolvido sobre as discursividades da mulher na mídia, pode ser visto de forma favorável e podendo ser utilizado para os estudos no campo feminista. De forma geral, nós conseguimos transmitir resultados em que fica explícita essa luta da mulher na sociedade contra as opressões e preconceitos vividos por ela.

REFERÊNCIAS

- ABRAMO.P, **Padrões de Manipulação na Grande Imprensa**. 1 ed. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2003.
- BAUMAN, Z. **Identidade**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1949.
- BUTLER, J. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.
- COURTINE, Jean-Jacques. Analyse du discours politique. In: **Langages**, n62, Paris: Larousse, Juin 1981. (com prefácio de Michel Pêcheux; “Análise do discurso político”, tradução de Maria Alice Maciel Alves, PUCRS, 1995).
- COURTINE, J. (1984) **Définition D’ Orientations Théoriques et Méthodologiques em Analyne de Discours, in phelosophiques**, vol.IX, n.2, paris.
- GREGOLIN, M. R. (org). **Discurso e mídia: a cultura do espetáculo**. São Carlos: Claraluz, 2003.
- HOMBRE, Francisco el. Letras. Disponível em: <<https://www.lettras.mus.br/francisco-el-hombre/triste-louca-ou-má/>>, acesso em: 30/11/2018.
- HOUAISS, A. et ali. **Dicionário Houaiss da língua portuguesa**. Rio de Janeiro. Objetiva, 2001.
- JESUS, Dánie Marcelo de; CARBONIERI, Divanize; NIGRO, Cláudia Maria Geneviva. **Estudos Sobre Gênero: Identidades, discurso e educação homenagem a João W. Nery**. Campinas -sp: Pontes Editores, 2017.
- ORTNER, S. e WHITEHEAD, H. (1981) „**Introduction: accounting for sexual meanings’**, in **Ortner, S. e Whitehead, H., eds., Sexual meanings: the cultural construction of gender and sexuality**. Cambridge, Cambridge University Press.
- PÊCHEUX, M. (1983) “**DISCOURS: Sment, TRUCTURE OU Evennent” Illinois Universit pres, trad. bras.**, Discurso: Estrutura ou Acontecimento, E. Orlandi , pontes, Campinas, 1983.
- PÊCHEUX, M. & FUCHS, C. **Mises aux points et perspectives à propos de l’AAD**. In: **Langages** 37. Paris: Larousse, março de 1975.
- PRIORE, Mary. **Histórias e conversas de mulher**. São Paulo, 2013.
- ROLNIK, S. “**Toxicômanos de identidade – subjetividade em tempo de globalização**”, in LINS, D. (org.). **Cultura e subjetividade: saberes nômades**. Campinas: Papirus, 1997.
- SILVA, Francisco Vieira da. **Egos em Evidência: A intimidade na era das mídias digitais**. São Carlos -sp: Pedro e João Editores, 2017. 344 p.

TIBURI, Marcia. **Feminismo em comum:** para todas, todes e todos. 7. ed. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2018. 126 p.